

Limite. ISSN: 1888-4067
nº 12.1, 2018, pp. 179-182

Jorge Ferreira de Vasconcelos: Contra a barbárie

Jorge Ferreira de Vasconcelos: Against Cruelty

Fernando Dacosta

Escritor

cabanadeletras@gmail.com

Contra a barbárie

Natália Correia dizia que para percebermos o fenómeno da Inquisição em Portugal tínhamos de ler os escritores que a antecederam, caso de, sublinhava, “o genial Jorge Ferreira de Vasconcelos”.

Segundo ela, a história mostra que os períodos de barbárie são antecipados por fulgurantes obras de arte – com incidência, frequentemente desbragada, das de humor e sátira. Esse seu ponto de vista destinava-se a um ensaio que a autora de *Sonetos Românticos* preparava como alerta de “tempos tenebrosos”, “algo parecidos aos da Inquisição” que, na sua perspectiva, iriam surgir “logo nos começos do novo milénio” – o actual.

Jorge Ferreira da Silva teria sido, assim, um dos autores portugueses a pressentir, na sua época, o longo ciclo de horror que lhe caberia enfrentar. Daí, como anota o prof. Aguiar e Silva, o ele não ter, prudentemente, assinado todos os seus escritos.

Utilizando a força da liberdade, da sensualidade, da ironia, da alegria vigentes na fase inicial (o Renascimento) da sua vida, ele tentou, com sarcasmo e ambiguidade, exorcizar a infâmia que sentia em avanço.

Cinco séculos depois (no XXI) uma barbárie semelhante, a Austeridade, decepa-nos por sua vez, fazendo-nos de novo regredir civilizacionalmente.

Consanguínea de Jorge Ferreira de Vasconcelos, Natália Correia – escritora e dramaturga, interventiva e vidente, ousada e indomável como ele – foi quem, pelo destemor, pela exuberância, pelo sarcasmo, pela lucidez, melhor percepcionou o emergir de novos ovos de

serpentes – ovos de sacristias invisíveis (outras), e arreestos inumanos (os mesmos).

A inteligência ácida, a afectuosidade dúplice, o regozijo cúmplice, o conhecimento certo da natureza humana de Jorge Ferreira de Vasconcelos projectaram-no para lá do seu tempo e da sua vivência, tornando-o húmus de subterrâneos infindáveis.

Assumindo frivolidades e mundanidades, egoísmos e radicalismos, intrigas e cantigas, Jorge Ferreira de Vasconcelos fez sucessivos *travellings* ora sobre as elites dominantes, ora sobre as classes pagantes – iguais em todos os tempos.

Agostinho da Silva, que regeu uma cadeira de Teatro na Universidade de Brasília (co-fundada por si), assentava a dramaturgia portuguesa em Gil Vicente, Jorge Ferreira de Vasconcelos e Almeida Garrett.

“O primeiro criou-a, o segundo vernaculizou-a, o terceiro romantizou-a”, sublinhava aos seus imensos alunos, alguns dos quais se tornaram referências no mundo artístico como, entre outros, o cineasta Glauber Rocha.

Os autos de Gil Vicente, as comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos, os dramas de Almeida Garrett constituem, na opinião daquele professor, “traves mestras da literatura de expressão portuguesa porque tornaram-se nela raízes da sua identidade”.

Agostinho da Silva considerava, aliás, Jorge Ferreira de Vasconcelos um precursor do que, nos séculos seguintes, iria marcar-nos culturalmente, socialmente, politicamente, economicamente. “Em termos de dramaturgia”, destacava, “não há, desde o desaparecimento de Amélia Rey Colaço, teatro português, há apenas teatro em português”.

Numa das suas *Cartas Várias*, assinala que Ferreira de Vasconcelos foi, por outro lado, quem melhor se apercebeu das divergências entre europeístas e orientalistas emergidas na sequência das colonizações ultramarinas.

A vitalidade que Portugal introduziu no renascimento europeu - com as culturas e os conhecimentos, e os maravilhamentos trazidos das Índias e afins – não foi aproveitada como se pensava pelos poderosos (e por muitos intelectuais) da época.

O historiador Filipe Barreto destaca, a propósito, que “a cultura portuguesa do século XVI é uma das culturas europeias mais criativas e vanguardistas de então”.

Aliás, há poucos meses, numa intervenção feita na Academia de Ciências de Lisboa, o professor Aguiar e Silva lembrou que “a língua não é um espelho do mundo mas uma produtora de visões o mundo”

Jorge Ferreira de Vasconcelos empenhou-se, sendo dos poucos, no entender de Agostinho da Silva, a contornar, através de universos abertos na sua obra, posições de ruptura .

Ele foi igualmente dos poucos a defender, a ampliar as potencialidades da nossa língua recuperando, pela riqueza de uma escrita pujante, a sua diversidade e expressividade, genuinidade e plasticidade.

As falas populares que recolheu, as personagens que fixou, as situações que reteve, as peripécias que engendrou, os sentimentos que engrandeceu fixaram de maneira única o tempo que lhe coube. Tempo marcante na história da humanidade pela passagem do medievalismo ao iluminismo e deste ao abjeccionismo, significado pela introdução em Portugal, por D. João III, do Santo Ofício, cujas sequelas ainda carregamos. “Quiseram tirar a nossa alma para a substituir por outra, alheia e monstruosa. Quase o conseguiram”, comentava-nos Lindley Cintra, outro entusiasta de Jorge Ferreira de Vasconcelos.

O estilo dialogado que Jorge Ferreira de Vasconcelos escolheu foi o princípio de um cruzamento de géneros literários hoje generalizado. Ou seja, não há, como anotava Jorge de Sena (repetido por José Saramago), não há géneros literários puros, há, sim, territórios literários, rios onde confluem o romance, a crónica, a narrativa, a história, o ensaio, a poesia, o teatro, a filosofia.

A grande filosofia portuguesa, a grande identidade portuguesa “encontram-se, não no ensaio mas na ficção, ou seja na poesia e na dramaturgia”, de novo Agostinho da Silva.

“A diferença que há entre o poder inquisitorial de ontem e o democrático de hoje é que o primeiro tinha um archote na mão e o segundo tem uma calculadora”, rugia Jorge de Sena a quem um jornal recusara, por “reaccionário”, um artigo sobre a intemporalidade de clássicos como Jorge Ferreira de Vasconcelos.

O Jorge de Sena (como a Natália Correia, o Agostinho da Silva, o Miguel Torga, o Vitorino Nemésio, o António José Saraiva, o Teixeira de

Pascoais, o Camilo Castelo Branco, o Raúl Brandão, o Fernando Pessoa (e os atrás citados, Padre António Vieira, Camões, Francisco de Melo, Jorge Ferreira de Vasconcelos) também o eram para a *inteligência* de então: uns grandessíssimos reaccionários!

Nas vésperas de serem amputadas (nos autos de fé do passado e do presente), a literatura, as artes, as ciências, a solidariedade, a utopia, costumam erguer-se em cantos de cisne, em cantos de memória.

“Ser-se revolucionário hoje é recuperar a memória”, repetia-nos Natália (mais uma vez ela) pois sem memória não há imaginação, sem imaginação não há pensamento, sem pensamento não há ideias, sem ideias não há futuro.

Sabendo-o, Silvina Pereira, que a cumpliciou (à Natália) como poucos, dedicou-se por inteiro à recuperação dessa nossa memória, através do *Maizum*, grupo heroicamente voltado para a dramaturgia portuguesa de todos os tempos e, através de notáveis estudos sobre os pilares fundadores da nossa literatura dramática, como Jorge Ferreira de Vasconcelos, a quem ela retirou, como acaba de comprovar, o rótulo de “irrepresentável”.

O humor é em Jorge Ferreira de Vasconcelos, como em vários de nós, uma forma de gritar gargalhando.

Há pessoas que, tal como ontem, continuam a viver bem no mal e mal no bem.

Jorge Ferreira de Vasconcelos sabia-o melhor do que nós.